A GEOPOLÍTICA DA SOJA NO ESTADO DO PARANÁ

João Matheus Afinovicz de Lima [1]

[1] Universidade Estadual do Centro Oeste; Guarapuava, Paraná – E-mail: joaoafinovicz158@hotmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0668-1324

INTRODUÇÃO

A expansão da soja no Brasil gera preocupações que ultrapassam os impactos ambientais e sociais locais, como o desmatamento e a degradação do solo, estando associada também às dinâmicas econômicas e geopolíticas do mercado global (Fajardo, 2016; Dowbor, 2017). No Estado do Paraná, a produção de *commodities* agrícolas está fortemente integrada ao comércio internacional, sendo influenciada por corporações multinacionais, acordos comerciais e pela crescente demanda mundial por alimentos e biocombustíveis.

A introdução da soja no Brasil ocorreu no final da década de 1920, mas sua consolidação produtiva intensificou-se a partir das décadas de 1970 e 1980, sendo o estado do Paraná um dos principais produtores. A produção foi impulsionada por políticas de modernização agrícola, investimentos em infraestrutura e pesquisas desenvolvidas pela EMBRAPA (Embrapa, 2024). Nesse contexto, o Paraná desempenhou papel estratégico na territorialização do agronegócio, articulando produção, logística e mercado externo (Bulhões, 2007). Entretanto, esse processo também ampliou a concentração fundiária e a exclusão de pequenos produtores e comunidades tradicionais (Elias, 2006).

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo analisar como a expansão da soja no Estado do Paraná transcende os impactos locais, integrando-se às dinâmicas globais do agronegócio. Busca-se compreender como a produção de soja no estado se articula ao mercado internacional, sendo influenciada por corporações multinacionais, acordos comerciais e pelas transformações geopolíticas e econômicas que estruturam o comércio global de commodities.

METODOLOGIA

A pesquisa adota abordagem bibliográfica, exploratória e descritiva, baseada em dados secundários para analisar as dinâmicas do complexo da soja em escalas regional e global. O embasamento teórico utiliza autores como Godoy (1995) e Johnson e Wichern (1988), que sustentam a análise de dados qualitativos e quantitativos.

Para garantir a consistência e a qualidade dos dados, foram utilizados também levantamentos de instituições públicas e privadas responsáveis pela sistematização de informações econômicas e agrícolas do Paraná, como o IBGE, IPARDES, MAPA, CONAB, INCRA e EMBRAPA.

Ressalta-se que este trabalho integra uma tese de doutorado em desenvolvimento, constituindo apenas uma das partes do material mais amplo que compõe a pesquisa. Dessa forma, os resultados e análises aqui apresentados fazem parte de um conjunto maior de investigações, que buscam aprofundar a compreensão das dinâmicas regionais e globais relacionadas ao objeto de estudo.

A GEOPOLÍTICA DA SOJA

Sob a perspectiva geopolítica, a expansão da soja no Paraná está vinculada às transformações do mercado global e à crescente disputa internacional por recursos naturais e produtos agrícolas (Ipardes, 2024). O aumento da demanda mundial por alimentos, rações e biocombustíveis, principalmente por parte da China e dos países da União Europeia, intensifica a pressão sobre a produção brasileira, tornando o país cada vez mais dependente das oscilações econômicas e comerciais do mercado externo.

Na geografia política clássica, Friedrich Ratzel (1906) destaca que o poder territorial está ligado à capacidade dos Estados de controlar e integrar os espaços de circulação, terrestre, marítimo e aéreo, por meio do desenvolvimento técnico, dos transportes e das rotas comerciais. Para o autor, portos, rodovias e ferrovias formam uma rede universal de circulação essencial para os fluxos econômicos e políticos globais.

Camille Vallaux (1928), ao ampliar as discussões de Ratzel, enfatiza que os fluxos de mercadorias, capitais, pessoas e informações são elementos centrais na organização do poder e na formação dos Estados contemporâneos. Nesse debate, Mackinder (1905) formulou a teoria do Heartland, atribuindo importância estratégica à região central da Eurásia como eixo do poder global (Brzezinski, 1997). Em contraponto, Spykman destacou o Rimland, formado pelas regiões costeiras, como área decisiva para o controle das rotas comerciais e do equilíbrio geopolítico mundial (Spykman, 2020; Agnew, 2003).

No contexto contemporâneo, corporações multinacionais exercem forte influência sobre as cadeias produtivas e os fluxos logísticos do agronegócio, ampliando desigualdades socioambientais (Blum, 2015; Elias, 2002). Assim, a teoria do Rimland também se aplica à agroindústria da soja, pois áreas portuárias e costeiras tornam-se estratégicas para o comércio internacional e para a conexão com grandes mercados consumidores, como a China (Kaplan, 2009).

A logística tornou-se elemento central da geopolítica contemporânea, integrando as estratégias de controle territorial dos Estados por meio das redes de transporte e circulação (Théry & Neto, 2023). Com os avanços tecnológicos, deixou de possuir função apenas militar e passou a desempenhar papel fundamental no planejamento econômico e territorial, fortalecendo o poder estatal através de sistemas como ferrovias, navegação e aviação.

Além disso, a logística pode ser compreendida como instrumento de controle social no contexto do "Estado de governo" (Brenner, 1994). Para Foucault (1979), o Estado organiza os fluxos e o espaço como forma de dominação e administração social, enquanto Lefebvre (1978) destaca que o espaço é produzido segundo interesses técnicos, políticos e econômicos.

No Paraná, a expansão de rodovias, ferrovias e sistemas de comunicação integrou o território e fortaleceu os fluxos econômicos, conectando áreas produtivas ao Porto de Paranaguá e ampliando a participação do estado nas redes nacionais e internacionais. Esse processo impulsionou a expansão agrícola nas décadas de 1960 e 1970, gerando impactos sociais, indígenas e ambientais.

Com o neoliberalismo, o espaço passou a ser organizado conforme os interesses do mercado global, priorizando infraestrutura, logística e circulação de mercadorias, o que intensificou conflitos territoriais e concentração fundiária. Projetos como a Nova Ferroeste mostram a atuação conjunta do Estado e do capital privado na organização do território.

A soja destaca-se nesse contexto como um dos principais produtos do Paraná, dependente das redes de transporte para o escoamento da produção até o Porto de Paranaguá, reforçando a importância da circulação econômica no estado.

A CENTRALIDADE DA SOJA NO ESTADO DO PARANÁ

Sobre a produção da sojicultura, A modernização da agropecuária brasileira teve na soja sua principal expressão, tornando o Brasil um dos maiores produtores mundiais dessa commodity agrícola. Inicialmente concentrada no Sul e Sudeste, a produção expandiu-se para o Centro-Oeste, impulsionada pela demanda global, investimentos estatais em infraestrutura e inovações tecnológicas desenvolvidas pela Embrapa.

Em 2023, o Brasil alcançou a produção recorde de 150 milhões de toneladas de soja em 47 milhões de hectares (Embrapa, 2023). No Paraná, a produção cresceu de 3,5 milhões de toneladas em 1970 para 11 milhões em 2000, consolidando o estado como o segundo maior produtor nacional. A expansão da soja também foi favorecida pela melhoria da logística, com rodovias, portos e armazéns, reduzindo custos e fortalecendo o agronegócio paranaense.

O Gráfico 1 apresenta a evolução da produção de soja no Paraná entre 1980 e 2024, evidenciando o crescimento contínuo da cultura e sua importância para a economia estadual. Em 1981, a área colhida era de cerca de 3 milhões de hectares, enquanto em 2024 alcançou aproximadamente 5,2 milhões de hectares. A produção também aumentou significativamente, passando de cerca de 4 milhões de toneladas em 1981 para 18 milhões de toneladas em 2024.

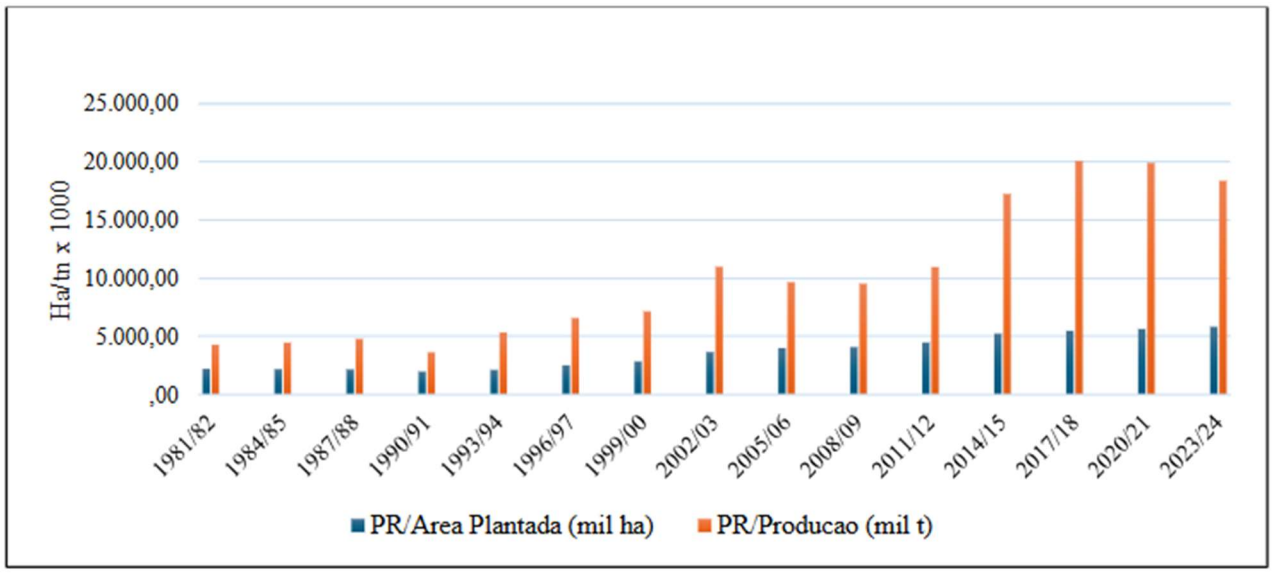


Gráfico 1. Produção (mil t) e área colhida (mil ha) de soja no Paraná entre 1981 e 2023. Fonte: Conab (2024). Elaborado pelos autores

A produção de soja no Paraná cresceu entre 2011 e 2024, impulsionada pela expansão da área plantada e pelos avanços tecnológicos. Em 1990, a cultura já avançava para as regiões Centro-Sul e Sudoeste do estado, com destaque para municípios como Pato Branco e Guarapuava.

Esse crescimento consolidou a soja como um dos principais pilares da economia paranaense, mas também gerou impactos ambientais e sociais, como pressão sobre os recursos naturais, uso intensivo de agrotóxicos e aumento da concentração fundiária.

A Figura 1 apresenta a distribuição da produção de soja nos municípios paranaenses em 1990, evidenciando a ampliação das áreas cultivadas em direção às regiões Centro-Sul e Sudoeste do estado. Nesse período, municípios como Pato Branco e Guarapuava destacaram-se como importantes centros

produtores, resultado da expansão da fronteira agrícola e da incorporação de tecnologias modernas no cultivo.

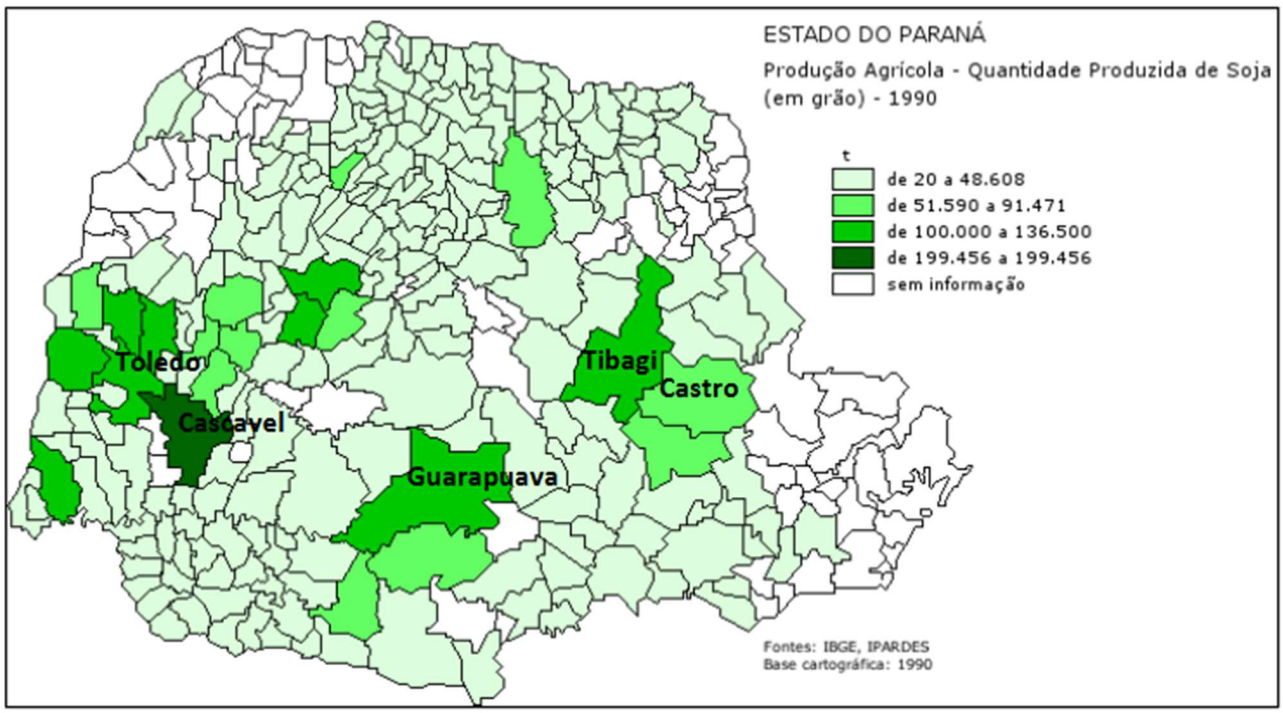


Figura 1. Espacialização da soja nos municípios do Paraná em 1990. Fonte: Ipardes (2024).

Ao longo do século XXI, o Paraná consolidou-se como um dos maiores produtores de soja do Brasil, com destaque para as RGIs de Cascavel, Guarapuava e Ponta Grossa. Municípios como Toledo, Cascavel, Tibagi e Guarapuava lideraram a produção estadual, reforçando a importância da soja para a economia agrícola do estado.

Em 2023, o Paraná registrou cerca de 5,7 milhões de hectares plantados e produção estimada em 18,5 milhões de toneladas. A expansão da cultura foi favorecida pelas condições de clima, solo e infraestrutura, fortalecendo especialmente municípios como Tibagi, Toledo, Cascavel e Guarapuava, que se destacaram entre os maiores produtores estaduais. A Figura 2 apresenta a distribuição espacial dos municípios paranaenses com maior produção de soja ao longo da segunda década do século XXI, com destaque para o ano de 2023.

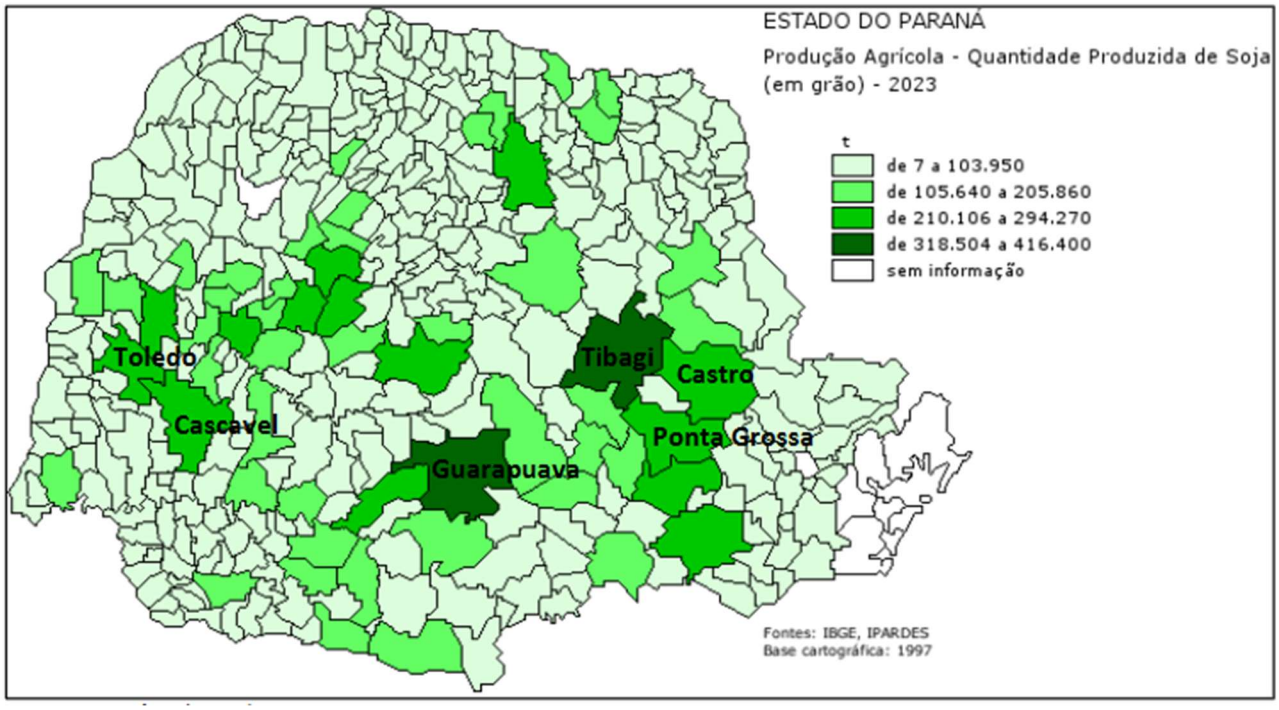


Figura 2. Espacialização da soja nos municípios do Paraná em 2023. Fonte: Ipardes (2024).

Segundo Fajardo (2016), até os anos 1990 o modelo agrário paranaense era baseado no cooperativismo tradicional, com produtores organizados coletivamente para processar e comercializar a produção. A partir desse período, as cooperativas se modernizaram e passaram a adotar estratégias empresariais voltadas ao mercado global, favorecendo grandes produtores, alterando o perfil dos cooperados e assumindo caráter agroindustrial. Delgado (1985) chama esse processo de "multicooperativa", enquanto Müller (1989) destaca a modernização tecnoeconômica baseada na industrialização agrícola e no uso intensivo de tecnologia, o que integrou agricultura e indústria, fortaleceu o agronegócio e transformou as relações sociais e políticas no campo.

No Paraná, cooperativas como Agrária, Coamo, Copacol, Frísia, C.Vale e Lar ganharam destaque nacional e internacional ao unir produtores, ampliar o acesso à tecnologia, aumentar a escala de produção e impulsionar o desenvolvimento regional e a geração de empregos.

Destino da Soja

Paraná destaca-se por sua posição geográfica estratégica no Brasil, conectando diferentes regiões e fazendo divisa com São Paulo, principal centro econômico do país. Essa localização, somada à infraestrutura de rodovias, ferrovias e portos, especialmente o Porto de Paranaguá, torna o estado um importante eixo logístico para o escoamento da soja e para o comércio internacional.

Em 2025, a soja foi o principal produto das exportações paranaenses, representando 23,5% do total, com destaque para a China como maior compradora, seguida por Países Baixos e Coreia do Sul. Em 2024, o complexo da soja respondeu por 34,59% das exportações do estado, reforçando sua relevância econômica (Ipardes, 2024; 2025).

Nesse contexto, a logística desempenha papel essencial ao integrar transporte, comércio e indústria, garantindo eficiência no fluxo de mercadorias e contribuindo para o desenvolvimento econômico em escala nacional e internacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A expansão da soja no Paraná evidencia a relação entre território, globalização e geopolítica no agronegócio contemporâneo. O Estado se consolidou como grande produtor e exportador, inserido nas cadeias globais de commodities por meio de investimentos em infraestrutura, tecnologia e logística.

Esse processo resultou na formação de um espaço produtivo voltado à exportação e à maximização de lucros, fortemente influenciado por grandes corporações e cooperativas, o que ampliou a concentração de terras e a marginalização de pequenos produtores. Do ponto de vista da geopolítica do capital, o Paraná tornou-se um território estratégico para a acumulação global, mas também passou a enfrentar impactos sociais e ambientais, como desigualdade territorial, degradação ambiental e substituição de cultivos diversificados por monoculturas.

Nesse contexto, o Estado exerce um papel ambíguo: ao mesmo tempo em que promove o desenvolvimento e a inserção internacional do agronegócio, também contribui para a intensificação de problemas socioambientais ao priorizar interesses econômicos.

PALAVRAS-CHAVE

Soja; Territorialização; Geopolítica; Agronegócio; Paraná.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

Agnew, J. (2003). *Geopolitics: Re-visioning world politics*. Routledge.

Becker, B. (2005). *Reflexões sobre a geopolítica e a logística da soja na Amazônia*. In E. B. Andrade (Ed.), A geopolítica da soja na Amazônia (pp. 285–310). Embrapa.

Blum, G. G. (2015). *Anel da (des)integração paranaense: Estado, rede logística e a governamentalidade da circulação no território no século XXI* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Paraná. https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/39877

Brenner, N. (1994). Foucault's new functionalism. Springer Nature, 23(5), 679–709. https://www.jstor.org/stable/658092

Brzezinski, Z. (1997). *The grand chessboard: American primacy and its geostrategic imperatives*. Basic Books.

Bulhões, R. A. (2007). *A contribuição da soja para economia paranaense. In* J. A. Staduto, M. B. S. Braun, C. L. da Silva, & W. F. da Rocha Júnior (Eds.), Agronegócio e desenvolvimento regional: Reflexões sobre a competitividade das cadeias de produção paranaense (pp. 61–85). Edunioeste.

Castells, M. (2002). *A sociedade em rede*. (6ª ed.). Paz e Terra.

CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento. (2024). *Soja: Séries históricas de produtividade*. https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/serie-historica-das-safras

Delgado, G. C. (1985). *Capital financeiro e agricultura no Brasil: 1965-1985*. Icone.

Dowbor, L. (2017). *A era do capital improdutivo: Por que oito famílias têm mais riqueza do que a metade da população do mundo?* Autonomia Literária.

Elias, D. (2002). *Globalização e agricultura no Brasil.* Geo UERJ, 12(23), 23–33. https://www.e-publicacoes.uerj.br/geouerj/article/view/49202

Elias, D. (2006). *Ensaios sobre os espaços agrícolas de exclusão.* Revista Nera, 8(8), 29–51. https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1442

EMBRAPA- Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. (2017). *História da soja no Brasil.* https://www.embrapa.br

Fajardo, S. (2016). *A ação das cooperativas agropecuárias na modernização da agricultura no estado do Paraná, Brasil.* GeoTextos, 12(1), 207–230. https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/14355

Foucault, M. (1979). *A microfísica do poder*. Graal.

Godoy, A. S. (1995). *Pesquisa qualitativa: Tipos fundamentais.* Revista de Administração de Empresas, 35(3), 20–29. https://periodicos.fgv.br/rae/article/view/38200

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2020). *Produção agrícola municipal.* https://www.ibge.gov.br

IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. (2022). *Exportações do Paraná somam US$ 15,9 bilhões nos oito primeiros meses de 2022.* https://www.ipardes.pr.gov.br/Noticia/Exportacoes-doParana-somam-US-159-bilhoes-nos-oito-primeiros-meses-

IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. (2024). Caderno estatístico dos municípios do Paraná. Ipardes.

Johnson, R., & Wichern, D. (1988). *Applied multivariate statistical analysis*. Sage.

Kaplan, R. (2009). *The revenge of geography: What the map tells us about coming conflicts and the battle against fate*. Random House.

Lefebvre, H. (1978). *De l'État*. Union Générale.

Muehe, D. (2022). *A contribuição de Camille Vallaux para a regionalização dos oceanos*. GEOgraphia, 24(52), 1–4. https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/54890

Nunes, P. A., & Parré, J. L. (2013). *Dimensionamento do agronegócio paranaense: 2007*. Faz Ciência (UNIOESTE), 15(22), 126–142. https://saber.unioeste.br/index.php/fazciencia/article/view/9150

Oliveira, J. P., & Iglesias, M. P. (2002). *As demarcações participativas e o fortalecimento das organizações indígenas*. In A. C. Souza Lima & M. Barroso-Hoffmann (Eds.), Estado e povos indígenas (pp. 41–68). Contra Capa.

Ratzel, F. (1906). *Kleine Schriften von Friedrich Ratzel*. In H. Helmolt (Ed.), Kleine Schriften von Friedrich Ratzel. Druck und Verlag.

Santos, M. (1994). *Técnica, espaço, tempo.* Hucitec.

Souza, M., & Nascimento, C. A. (2007). *Ocupações e rendas das famílias rurais e agrícolas no Estado do Paraná*. Revista Paranaense de Desenvolvimento, 112, 73–91. https://ipardes.emnuvens.com.br/revistaparanaense/article/view/38

Spykman, N. J. (2020). *A geografia da paz*. Hucitec.

Théry, H., & Neto, T. O. (2023). Geopolítica e circulação: Eixos e articulações macrorregionais sul-americanos. In D. A. Azevedo & R. Nogueira (Eds.), Geografia política (pp. 215–230). Universidade de Brasília; Caliandra.

Vallaux, C. (1928). *Géographie sociale*. Alcan.

Virilio, P. (1984). *Guerra pura.* Brasiliense.